

# Estudo vê desmatamento em ritmo menor na Amazônia

Daniela Chiaretti

De São Paulo

O desmatamento da Amazônia nos nove países amazônicos perdeu fôlego entre 2000 e 2013 em relação ao ritmo verificado nos 30 anos anteriores, com exceção da Venezuela, que mantém tendência de alta. Os números continuam expressivos: desmatou-se 223 mil km<sup>2</sup> no período, o que significa 13% da cobertura vegetal original.

O dado faz parte de novo estudo "Desmatamento na Amazônia (1970-2013)" lançado pela Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (Raisg). Trata-se de uma rede de instituições da sociedade civil que estuda os vetores de pressão sobre a região e produz informação georreferenciada para dar visibilidade socioambiental à Amazônia.

O estudo analisa 43 anos de desmatamento da Amazônia, em nove países. A maior perda ocorreu entre 1970 e 2000 (9,7%). De 2000 a 2013, foi de 3,6%. A média brasileira atual, de 5 mil km<sup>2</sup> ao ano, continua sendo alta, embora muito reduzida em relação ao passado.

"É quase um campo de futebol por minuto", diz Carlos Souza, pesquisador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), uma das duas

## Brasil perde mais área

Taxa de desmatamento dos países da Amazônia

País	Área de floresta original (km <sup>2</sup> )*	Desmat. até 2000 (km <sup>2</sup> )	Desmat. sobre a mata original 2000-2013 (%)	Desmat. total (%)
Bolívia	333.004	14.035	3,1	7,3
<b>Brasil</b>	<b>3.587.052</b>	<b>458.500</b>	<b>4,8</b>	<b>17,6</b>
Colômbia	465.536	34.673	2,4	9,9
Equador	97.530	9.343	1,2	10,7
Guiana	192.405	3.097	0,9	2,5
Guiana Francesa	83.195	1.539	1,0	2,8
Peru	792.999	55.649	2,0	9,1
Suriname	150.254	5.664	0,4	4,2
Venezuela	397.812	8.914	1,0	3,3
<b>Total</b>	<b>6.099.788</b>	<b>591.414</b>	<b>3,6</b>	<b>13,3</b>

Fonte: Raisg \* Área estimada

ONGs brasileiras que estão na Raisg. A outra é o Instituto Socioambiental (ISA). Agropecuária e obras de infraestrutura, como abertura e pavimentação de estradas e construção de hidrelétricas, foram os maiores vetores do desmatamento.

A Amazônia sofre pressões específicas em cada país. Na Colômbia, a mineração ilegal e a expansão da fronteira agrícola causaram perda de mais de 6 mil km<sup>2</sup> de 2005 a 2010. No Equador, que depois do Brasil registrou a maior perda proporcional acumulada (10,7%) das florestas originais, a exploração de petróleo foi e conti-

nua sendo a maior ameaça.

No Peru, plantações agroindustriais de cacau e palma são ameaças crescentes. Na Bolívia, a pecuária, a agricultura mecanizada e a em pequena escala são os principais vetores. No Suriname, Guiana e Guiana Francesa a pressão vem da demanda por energia. Na Venezuela, ao contrário da tendência geral de redução do desmatamento entre 2005 e 2013, a perda de floresta aumentou, puxada principalmente pela mineração ilegal.

O próximo passo da Raisg será um estudo específico sobre o desmatamento nas nascentes das grandes bacias hidrográficas que

estão nos países andinos. "É crítico entender a pressão sobre as nascentes", diz o pesquisador. "Precisamos ter um diagnóstico mais detalhado das regiões. É uma necessidade também de conseguirmos prever as ameaças futuras."

A Raisg usará agora a plataforma de imagens do Google como base de seus estudos. "A intenção é contribuir com políticas públicas, ajudar a criar e implantar unidades de conservação e terras indígenas e ter controle sobre o desmatamento", diz Souza. A Amazônia compreende quase 6 milhões de km<sup>2</sup> (35% do continente sul-americano), onde vivem 33 milhões de pessoas e 385 povos indígenas.

A Raisg foi fundada em 1996, por iniciativa do antropólogo Beto Ricardo, do ISA, com a intenção de integrar informações sobre a floresta nos países amazônicos e melhorar a governança socioambiental da região. "Ficou claro que precisávamos desenvolver a capacidade de mapear o desmatamento em todos os países usando abordagem e metodologias homogêneas", diz Souza, do Imazon.

A rede, que hoje tem seis instituições da sociedade civil nos nove países amazônicos, começou a deslançar em 2007. Além dos dois institutos brasileiros, o ISA e o Imazon, há outros na Venezuela, Equador, Bolívia, Colômbia e Peru.